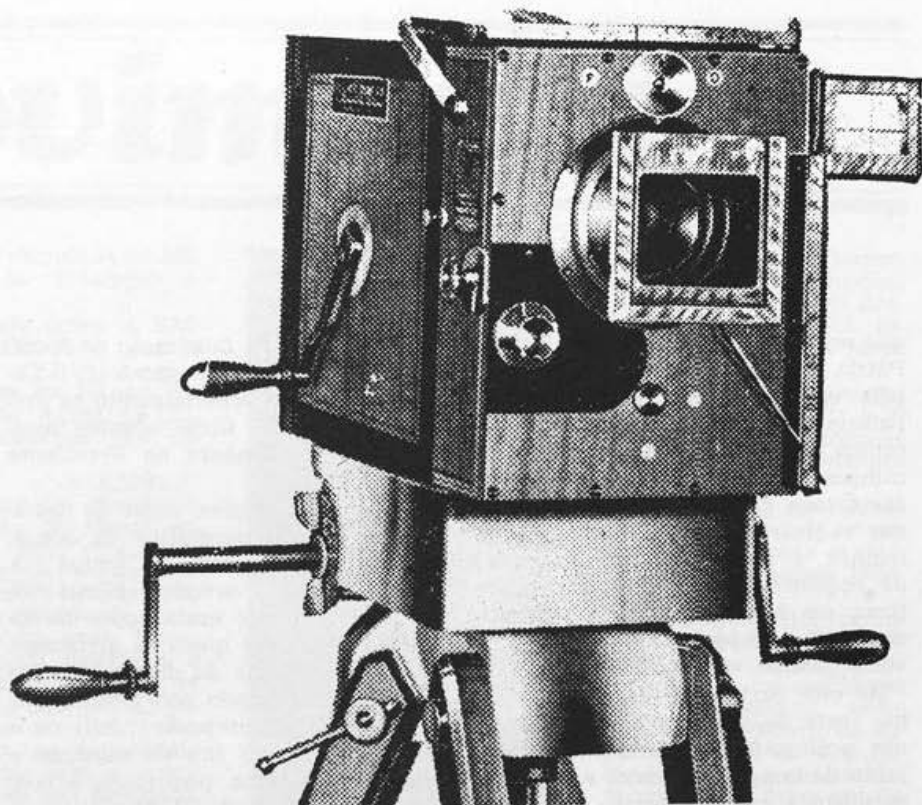


Um filme feito na Paraíba, entre 1924-28, intitulado **Sob o Céu Nordestino**, apontado pela revista **O Cruzeiro**, como "obra de sadio patriotismo", talvez tenha sido o maior esforço no campo artístico, nas primeiras décadas deste século, para definir aquilo que hoje se denomina "o novo nordeste". Sua estruturação, o sentido de fixação da cultura e do homem daquela região, permitem definir o filme como uma obra antecipadora, como um marco na tentativa de determinar as diferenças e conotações do Nordeste em relação ao todo nacional. O sentido regionalista, a idéia bem presente de mostrar que o Nordeste é uma área especial, com valores bem próprios, porém que não é só seca, cangaço ou crime, tornam **Sob o Céu Nordestino** um filme raro dentro da paisagem cultural do Brasil da Velha República.

Seu autor, o historiador Walfredo Rodriguez, teve em mira, ao realizar o filme, mostrar ao resto do Brasil que "o Nordeste não era só miséria, com índios comendo gente, onça pastando nas cidades e ausência total de civilização". Procurou indicar que se tratava de uma área cultural, com problemas graves (cangaceirismo, seca, fome, etc.), porém com seus valores próprios e com grandes perspectivas econômicas. Trinta anos após, com a implantação da Sudene, o desafio lançado por **Sob o Céu Nordestino** iria ser aceito.

Nos quatro anos do trabalho, o cineasta paraibano colheu um material extraordinário que, ao lado de um profundo conhecimento de nossa realidade, torna o filme um verdadeiro marco no cinema brasileiro, notadamente pelo seu aspecto científico. Os informes geográficos, históricos, biológicos, geológicos de seus letreiros, bem atestam o cuidado de ser fiel não só à realidade física, mas também aos seus fundamentos culturais. A idéia primeira de Walfredo Rodriguez era colher tôdas as áreas da vasta região do Nordeste. Todavia em face de limitação de recursos fixou-se apenas na Paraíba.

Com aproximadamente duas horas de projeção, **Sob o Céu Nordestino** conta em seu prólogo com um elemento até novo para o cinema da região: uma seqüência de ficção, ser-



# UM PIONEIRO IGNORADO

Wills Leal

vindo de pano-de-fundo para a realidade que, em seguida, vai mostrar. Talvez nesse prólogo resida em realidade o aspecto mais inventivo do cineasta: objetiva mostrar nossa formação histórica, com a presença do indígena em terras do Nordeste. Os atores ("posados", como se dizia na época, em oposição aos personagens dos documentos) eram elementos das melhores famílias paraibanas.

Após sua exibição em várias cidades do Nordeste, o filme foi exibido no Rio de Janeiro, com boa aceitação. Seu lançamento em João Pessoa, foi um grande acontecimento e contou com a presença, entre outros, do Presidente João Pessoa, dos escritores José Américo de Almeida e Olívio Montenegro e grande número de políticos. No dia seguinte, o presidente declarava que o filme "era uma excelente propaganda do Nordeste". O mundo cultural e político do Estado da Paraíba encampou as idéias do filme. Durante um mês os jornais se

encheram de artigos exaltadores da obra.

O Boletim que a "Nordeste Filme" distribuiu por ocasião do lançamento de **Sob o Céu Nordestino** indica claramente as preocupações culturais deste "filme natural de costumes do nordeste brasileiro", como era apresentado o serviço foto-cinematográfico de Walfredo Rodriguez. Um dos primeiros letreiros deixa bem patente o seu sentido regional, quando salienta: "O Nordeste, região malsinada da terra brasileira, vez por outra assaltada pelo terrível **flagelo da seca**, apresenta-se no julgamento do brasileiro sulista ou do estrangeiro que o desconhece, como um território inculto e selvagem povoado de índios e abundante de animais exóticos! Diz outro letreiro — "A Paraíba seria, para tais julgadores, o **habitat** dos nossos indesejáveis aborígenas. Entretanto, bem diversa é a impressão de quem conhece **de visu** essa região. Para desfazer esses errôneos julgamentos, apresentamos os flagrantes aspectos

que seguem, como homenagem a essa Pátria imensa e bela e à nossa Felipéia esquecida, lembrando as suas paisagens encantadoras, os seus recantos de mágicas quietudes, os seus campos, onde imperava o misticismo desta raça de fortes, onde a tristeza dos vaqueiros é como um canto de triunfo, e suas praias ensombradas de coqueiros, sob os quais deixa-se ficar, em êxtase, a cabocla nordestina, a ilha, lá-longe, as jangadas de velas pandas, enfumadas...

As oito partes que compõem o filme (sete de caráter documental e um prólogo-ficção) é todo um conjunto de imagens da terra e da gente paraibanas, colhidas dentro do melhor espírito otimista, por vêzes com elevada grandeza social ou psicológica. Sua primeira parte (uma das seqüências mais elogiadas pelos cronistas) fixa o Cabo Branco, Ponta de Matos (a praia **bem** de então), o farol de Pedra Sêca, Cabedelo, o Forte de Santa Catarina, Costinha, e, longamente, uma apresentação da pesca da baleia. A parte seguinte, de cunho ecológico, registra as paisagens do sertão, cabendo destaque a fabricação da cêra de carnaúba, em Lagoa do Forno, e as paisagens do velho Cariri, onde ao colhêr um rancho de tropeiros, à noite, um dos personagens canta versos que falam da solidão da mata e do seu coração sem companheira. A parte terceira apresenta como elemento mais significativo o pico do Jabre, com 1.100 metros de altitude e cena da serra do Teixeira e Taperoá, enquanto a quarta tem mais um caráter bucólico, apresentando momentos da vida dos animais da região, notadamente dos bodes, para entrecortar com a opulência da cidade de Campina Grande, com sua feira na época famosa. Ainda esta tarde mostra o cultivo do café em várias partes do Estado, bem como a fabricação de rêdes.

Elementos ligados à vida industrial da Paraíba são colocados na quinta parte. A sexta parte divulga inúmeros aspectos dos festejos folclóricos, além de iguarias. Ainda nesta parte é mostrada a beleza de Tambaú e a tradicional Festa da Penha. O epílogo, de forte sabor local, tem início com uma exaltação ao caju, com inúmeros letreiros dando detalhes de sua importância em nossa economia e de

sua excelência na fabricação de doces. As últimas seqüências mostram a Capital paraibana, especialmente os prédios públicos. O filme termina mostrando o monumento ao Presidente Epitácio Pessoa.

Alpheu Domingues, nome de destaque na cultura nordestina da época, em artigo divulgado no jornal "A União", assim abordou o filme: "É, para admirar que nesta época de interesses houvesse quem se arriscasse a passar centenas de dias e dezenas de noites debruçado sobre bandeiras de revelador e preparar positivos e negativos, com o fim de mostrar a grandeza da terra pequenina e boa. Pois o sr. Walfredo Rodriguez, com a sua pertinácia silenciosa e sua invejável modéstia, empenhou-se nessa obra de arte e ao mesmo tempo de propaganda nacional, para sair triunfador.

Considero-o um reacionário. Parece um paradoxo afirmar-se semelhante proposição. Mas, a verdade é que ele reagiu contra tudo: contra a hostilidade do meio, contra os comentários de sutil ironia de alguns espíritos iconoclastas, contra a insuficiência de recursos financeiros".

Rodrigues de Carvalho, o famoso folclorista, assim se pronunciou, em artigo de jornal — "Walfredo Rodriguez era para mim apático, porque se me afigurava bisonho: agora, diante desta extraordinária obra de arte e devotamento ao Nordeste, êle passa a um grande benemérito pelo seu talento de artista e visão patriótica". Seu artigo tem um tom malicioso, e do qual extraímos ainda o seguinte trecho: "Quem vai gozando a vida no sul e nunca viajou pelo norte, cuida que por aqui possuímos sequer uma máquina de pentear macacos. Lampião, sêcas e companhia, eis tudo... O nosso conterrâneo Walfredo Rodriguez, com tôda a sua aparência de misantropo, deu formal desmentido. Conseguiu filmar tôda a Paraíba, como pretendia filmar todo o Nordeste, e levar ao Rio para mostrar de perto o que somos e o que valem".

Bastante violento é o artigo que lhe dedica Aderbal Piragibe que, a certa altura escreve: "O cineasta é uma sensibilidade artística à parte, nesta orgia romana de cabotinismo e grotesca mercantilidade, em que se afun-

dam os pretensos corifeus da arte nacional. Ora, arte nacional... numa terra de copistas, cínicos e plagiários, de poetas malucos e cronistas estipiados pelo erário público. Artistas, sim, temos às dúzias, na conjugação do verbo **rapio**, de que nos fala o velho Vieira. Êsses proliferam numa longa e interminável fecundidade". Termina o artigo, com a frase — "Foi de pasmar, a notícia: fazer "fita" de verdade numa terra de "fitas" de mentira..."

O escritor Francisco Marcelo, em artigo de página inteira do jornal O Estado da Paraíba estuda o filme em todos os detalhes. Diz: "Não há dúvida alguma que como documentação é bom e digno de ser visto por todos que desejam conhecer o país em todos os seus aspectos, e não continuemos, os brasileiros, estrangeiros em nosso país, a desconhecer as caatingas e sertões sertanejos, as coxilhas e batanhados gaúchos, o pantanal matogrossense e o campo goiano, as montanhas mineiras e os taboleiros da Bahia, etc. Parece, porém, que como propaganda, com o fim de desfazer juízos que lá fora formam de nós, segundo uma das legendas do filme, esta se por um lado tem lacunas, por outro deveria sofrer o corte de certas cenas que poderiam ser enganosamente interpretadas".

Antes de realizar **Sob o Céu Nordestino**, Walfredo Rodrigues fez inúmeros documentários, dos quais o mais significativo é um sobre o carnaval. A aventura do cineasta paraibano, no mundo do cinema, foi iniciada, de fato, no Rio de Janeiro, para onde foi em plena juventude, já levando bons conhecimentos de fotografia aprendidos com seu avô paterno. Na Guanabara, em pouco tempo se tornou um dos "fotocinematografistas" da Companhia de cinejornais do português Antônio da Silva Barradas. Com suas limitadas economias comprou uma câmera inglesa "Urban", de 35 mm e seguiu para a Paraíba.

Por volta de 1930, com o aparecimento do cinema sonoro, Walfredo Rodriguez enviou **Sob o Céu Nordestino**, através de Antônio Barradas, para ser sonorizado, na França. Ali, morreu o português e nada mais se soube do paradeiro do filme.